

Cadernos letra e ato

EDITORIAL

No último ano o grupo de pesquisa em dramaturgia Letra e Ato passou por um momento de consolidação muito importante. As reuniões de discussão ganharam organicidade e fundamentamos a proposta de nos encontrarmos virtualmente. As dificuldades iniciais do trabalho à distância foram aos poucos sendo superadas e terminamos o primeiro semestre de 2018 com a sensação de que muito se aprendeu e produziu em nossos encontros. Os *Cadernos* refletem essa postura, com trabalhos de temas variados, porém todos com um fundo comum, no qual se faz ver a integração alcançada apesar do afastamento físico das sedes do grupo.

Tivemos no começo desse ano, também, um baque grande com a perda do professor Mario Santana, que faleceu em janeiro. Mario, com sua personalidade esfuziante, trazia alegria e provocação às reuniões, e era um esteio importante na preparação dos eventos, à frente muitas vezes da organização da parte de espetáculos. A partida do Mario, porém, não desanimou o grupo, que manteve o espírito com o qual sempre existiu, de investigar a dramaturgia, seja em si mesma, seja em suas inúmeras relações com a cena, a história, a cultura etc., e os artigos diversos desse volume expressam tal vigor.

O artigo de Elen de Medeiros traz uma análise dos conceitos de Jean-Pierre Sarrazac, iluminando-os por meio de exemplos da dramaturgia nacional. O de Isa Kopelman também dialoga com o teórico francês, que foi o eixo das reuniões do grupo nesse último semestre, porém focando na obra *Barrela*, de Plínio Marcos. Refletindo sobre outra linha de criação cênica, Flora de Araújo trabalha com o circo-teatro em suas releituras contemporâneas, focando-se na análise de *A ré misteriosa*, encenada pelo grupo Os fofos

encenam, de São Paulo. O artigo de André Carrico aborda igualmente a linguagem circense, mas por um outro viés, o da exuberante arte popular de Os Trapalhões.

Carolina Delduque e Gabriel Martins trazem um olhar analítico sobre encenações encabeçadas por Zé Celso Martinez Corrêa. Enquanto Delduque analisa a montagem de impacto histórico de *As três irmãs*, escrita por Anton Tchekhov; Martins pensa sobre a transposição para a cena da obra *Boca de ouro*, de Nelson Rodrigues. Voltando à dramaturgia do passado, da convenção, Lucila Vieira aborda a importância do dramaturgo Eduardo Garrido para o teatro oitocentista e Larissa de Oliveira Neves analisa duas peças da virada do século XVI para o XVII, *A megera domada*, de Shakespeare, e *A dama boba*, de Lope de Vega.

Isadora Urbano analisa o legado de Artaud, a partir de sua relação cênica e dramaturgicamente. Já Yenny Agudelo trabalha com a dramaturgia feminina contemporânea colombiana, também utilizando, entre outras, a teoria de Sarrazac. Lucas Pinheiro, fechando o volume, traz uma abordagem metodológica sobre as pesquisas ligadas à cena.

Desejamos a todos uma boa leitura.

Larissa de Oliveira Neves